

## REPENSANDO O FENÔMENO DA SINO-ANTONÍMIA 1 PARA O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

Renata Medeiros de Lima<sup>1</sup>

**RESUMO:** A Semântica é uma ciência que tem por finalidade o estudo da construção dos sentidos e, nessa perspectiva, este trabalho visa analisar pares sino-antonímicos com o objetivo de repensar o ensino de língua materna, no que concerne ao estudo da significação do léxico de forma contextualizada, de modo a contribuir para que os educadores ampliem o material de pesquisa na preparação de aulas e criem condições para que aluno desenvolva sua competência discursiva, de maneira a não reduzir o estudo do léxico à combinação de pares sinonímicos/antonímicos. Para tanto, discorreremos sobre o ensino de gramática na escola, analisaremos os pares sino-antonímicos *local/lugar*, *manso/feroz* e abordaremos algumas questões relacionadas à prática pedagógica e formação. Em suma, por meio do presente artigo, notamos que a Semântica é marginalizada no ensino de língua materna, justamente porque existe uma lacuna entre a formação do professor e sua prática em sala de aula.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sino-antonímia, Ensino, Formação.

**ABSTRACT:** *Semantics is a science that aims to study the construction of sense and, from that perspective, this paper seeks to analyze Sino-antonymy pairs with the goal of rethinking the teaching of mother language in relation to the study of the meaning of the vocabulary in a contextualized in order to help educators to broaden the research material in the preparation classes and create conditions for students to develop their discursive competence, so as not to reduce the study of the lexicon of the combination of pairs synonymic / opposite. To this end, we discussed the teaching of grammar in school, we analyze the pairs Sino-antonymy site / place, tame / savage and discuss some issues related to practice teaching and training. In short, through this article, we note that the semantics is marginalized in the teaching of language, precisely because there is a gap between teacher training and practice in the classroom.*

**KEYWORDS:** *Sino-antonymy, Education, Training.*

---

1 - Graduada em Letras pelo Centro Universitário São Camilo – São Paulo, com licenciatura plena em Português-Inglês. Professora efetiva nos municípios de Pedra Lavrada e Picuí – Curimataú e concluinte do Curso de Especialização em Linguística Aplicada ao Ensino de Português pelas Faculdades Integradas de Patos.

## I. Introdução

De acordo com o livro didático de 8ª série, cujo título é *Tudo é Linguagem*, das autoras Ana Borgatto, Terezinha Bertim e Vera Marchezi (2006, p. 231), a Semântica é um ramo de estudo da língua que tem por finalidade analisar a significação das diversas formas linguísticas: palavras, frases, sufixos, prefixos, ou seja, analisa os signos linguísticos de várias maneiras. Cabe à Semântica, por exemplo, analisar se uma palavra é ou não adequada em determinado contexto.

No entanto, percebe-se uma ausência do estudo de Semântica nas aulas de língua materna e, este, quando realizado, tem seu embasamento teórico apenas no livro didático ou em gramáticas tradicionais, cuja abordagem acerca de fenômenos linguísticos como a sinonímia e a antonímia são trabalhados de maneira isolada e descontextualizada, fato este que leva o aluno a ter dificuldades de interpretação textual.

Partindo dessa problemática, essa pesquisa visa analisar pares sinonímicos/antonímicos com o objetivo de repensar o ensino de língua materna no que concerne ao estudo da significação do léxico de forma contextualizada.

Desse modo, esse estudo pretende contribuir para que os educadores percebam que não podemos mais limitar nossas pesquisas e nem nossas aulas apenas ao livro didático ou às gramáticas tradicionais, mas devemos também recorrer a gramáticas reflexivas como suporte metodológico para uma nova abordagem linguística acerca do fenômeno da sinonímia/antonímia, melhorando assim, a interpretação de textos de nossos educandos nas aulas de língua materna.

Para tanto, apresentaremos na Fundamentação Teórica, um tripé para análise, o qual está dividido em: ensino de gramática, conceitos semânticos e prática pedagógica.

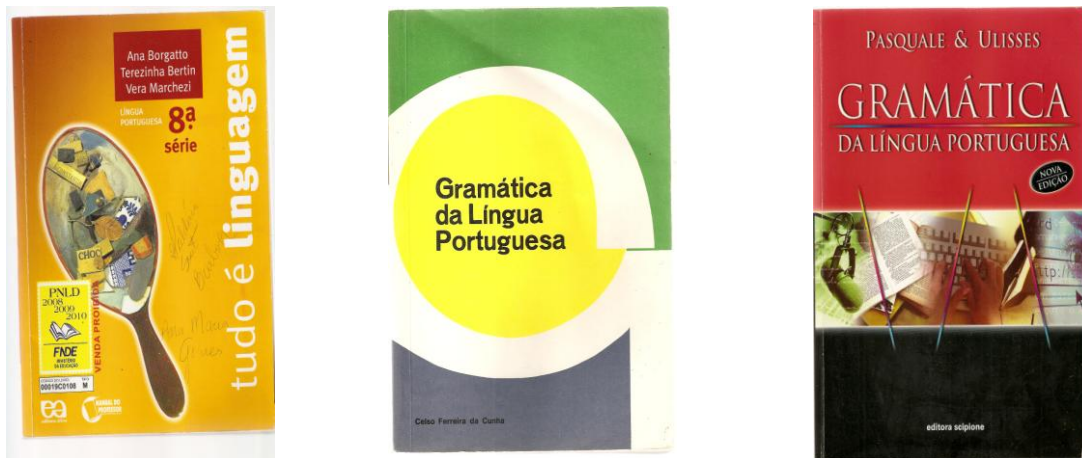
Nesse viés, começaremos por analisar os pares sinonímicos *local* e *lugar*, bem como os antonímicos *manso* e *feroz*. Na sequência, discorreremos sobre esses fenômenos semânticos da perspectiva linguística reflexiva e abordaremos ainda, o que o professor deve buscar para melhorar a sua prática em relação ao ensino de gramática na escola, especialmente no que concerne à Semântica.

## 1.1 Metodologia

De acordo com o exposto acima, para realizar o estudo dos pares sinonímicos/antonímicos, o cunho dessa pesquisa será de análise de conteúdo na perspectiva exploratória/explicativa.

De acordo com Severino (2007, p. 121) a análise de conteúdo é “uma metodologia de tratamento de informações constantes de um documento, sob forma de discursos pronunciados em diferentes linguagens.” Envolve, portanto, a análise de textos verbais ou não-verbais, orais ou escritos, a compreensão dos discursos veiculados em diversas modalidades enunciativas, bem como a interpretação dos significados por eles produzidos.

Num primeiro momento, a pesquisa apresentará um levantamento acerca das definições de sinonímia/antonímia dadas pelo livro didático de 8ª série – *Tudo é Linguagem* – e pelas *Gramáticas da Língua Portuguesa* de Pasquale e Ulisses (2007) e a de Celso Cunha (1985), como podemos visualizar abaixo:



O trabalho com o material didático acima tem o intuito de problematizar a abordagem feita por estes em relação à prática de ensino-aprendizagem no que concerne ao estudo de Semântica nas aulas de língua materna.

Em seguida, apresentaremos um *corpus* de pares sinonímicos/antonímicos para que possam ser caracterizados no escopo do estudo da significação do léxico. Feito isso,

tomaremos como base estudos linguísticos acerca dos pares sinonímicos/antonímicos para discutirmos algumas explicações teóricas e reflexivas a respeito das alterações semânticas citadas acima. Dessa forma, iremos propor alguns questionamentos sobre o ensino de semântica nas aulas de língua materna, sobretudo no que concerne à abordagem dos fenômenos da sinonímia/antonímia, com o objetivo de darmos a nossa contribuição para melhorar o ensino da significação do léxico por educadores e, conseqüentemente, melhorar a compreensão de textos por parte dos educandos.

## **II. Fundamentação teórica**

Para realizarmos a pesquisa acima mencionada, abordaremos o ensino de gramática na escola, com base nos PCNs de Língua Portuguesa e nos fundamentaremos em autores como, Freudenberg (2000), Moura Neves (1999), Geraldi (1997), Ilari (2001) e Ribeiro (2001), os quais discorrem sobre questões de prática pedagógica e formação de professor.

Na seqüência, apresentaremos os conceitos semânticos acerca do fenômeno da sinonímia/antonímia. Para tanto, a bibliografia será composta pelo minidicionário monolíngue Houaiss da língua portuguesa, (2004); pelo dicionário de lingüística e gramática de Mattoso Câmara (1977) e pelas obras de John Lyons (1981), Rodolfo Ilari (2001 e 2002) e João Wanderley Geraldi (2002), cujos estudos seguem pela análise semântica linguística com vistas ao ensino reflexivo de língua materna.

### **2.1. Ensino de Gramática na escola**

Conforme consta nos PCNs de Língua Portuguesa:

Compreender os textos orais e escritos com os quais se defrontam em diferentes situações de participação social, interpretando-os corretamente e inferindo as intenções de quem os produz; (1998, p. 41).

Isso significa dizer que o ensino de língua materna deve ser contextualizado, com ênfase nos gêneros textuais e com análise linguística reflexiva, de modo a formar um

aluno competente nas mais diversas situações enunciativas. No entanto, o que se percebe nas salas de aula das escolas brasileiras é um ensino normativo-prescritivo acerca da língua, no qual, o educando apenas identifica e classifica os elementos linguísticos.

Geraldi (1997), em sua obra *O Texto na sala de Aula*, reitera a colocação presente nos PCNs acerca do ensino de língua materna:

Por análise linguística entende-se, não apenas a abordagem metalinguística tradicional, nem o abandono da teoria gramatical, mas o ensino de aspectos linguísticos a partir de textos, observando como se constrói o sentido com o uso de um ou outro elemento gramatical. (p. 34).

Na obra de Geraldi, acima citada, o autor enfatiza a questão da construção do sentido, a qual deve ser feita por meio do trabalho com gêneros textuais diversos. Nessa citação, Geraldi afirma que o trabalho com textos em sala de aula não deve voltar-se unicamente à nomenclatura, mas sim à exploração do gênero, da linguagem, das variações linguísticas, dos efeitos de sentido produzidos naquele contexto com o uso de determinados léxicos.

Entretanto, o que ainda se vê nas aulas de língua materna é o estudo do texto como pretexto para ensinar nomenclaturas gramaticais e, nesse sentido, faz-se necessário chamar a atenção para a marginalização do estudo de Semântica nas aulas de língua materna. Em pesquisa realizada por Maria Helena de Moura Neves (1999, p. 12-13) com seis grupos de professores do ensino fundamental e médio em São Paulo, constatou-se que mais de 70% das aulas são voltadas para a classificação morfosintática dos exercícios impostos pelo livro didático. Isso significa que quase não há espaço para a construção do sentido, para o estudo de Semântica nas aulas de língua materna.

Não há dúvida de que, com tais procedimentos, o professor não desenvolverá, no aluno, pelo menos adequada e satisfatoriamente, as habilidades oral e escrita. Neste caso, é ilusória a prática pedagógica da aprendizagem do ensino de língua em que o processo ensino-aprendizagem não seja um constante interagir.

## **2.2. A marginalização da Semântica**

Conforme observado no livro didático de 8ª série do ensino fundamental *Tudo é Linguagem* de Ana Borgatto, Terezinha Bertim e Vera Marchezi (2006), a parte destinada à Semântica inicia-se com um texto, o qual servirá como pretexto para o ensino dos conceitos acerca da sinonímia e antonímia.

Na página 232, o livro chama a nossa atenção para o estudo de alguns conceitos semânticos, tais como os citados acima e justifica: *Palavras sinônimas são aquelas que têm significados semelhantes, podendo uma substituir outra em determinados contextos.*

Em seguida, o livro aborda alguns pares sinonímicos e vai fazendo a substituição em frases soltas.

Na sequência, o livro nos coloca a definição sobre **palavras antônimas**: *são aquelas que têm significados opostos*; e, os exemplos, são dados também por meio de pares; contudo, esses pares não são observados nem mesmo em frases soltas.

Nessa perspectiva cabem os seguintes questionamentos acerca do estudo da significação do léxico: para que serviu o texto na abertura do capítulo destinado à Semântica? Que estudo Semântico foi trabalhado pelo livro didático? O livro propôs um estudo, ou apenas impôs mais uma nomenclatura acerca desses fenômenos linguísticos? A abordagem feita pelo livro está de acordo com os PCNs?

Pela observação feita nos materiais didáticos já mencionados, o texto serve apenas como pretexto para o ensino de gramática. O material didático com o qual nos deparamos não explora o gênero, a linguagem, os pressupostos, os subentendidos; apenas propõe exercícios de repetição acerca da nomenclatura gramatical. Logo, podemos afirmar que esse material não representa a proposta dos PCNs, tendo em vista que, não está propondo atividades voltadas ao desenvolvimento das habilidades oral e escrita de nosso educandos.

Ora, se a abordagem feita pelo LD não é reflexiva, o educando conseguirá apenas reproduzir conceitos acerca da sinonímia/antonímia, objeto de nosso estudo.

Uma das características que empobrecem o ensino da língua materna é a pouca atenção reservada ao estudo da significação. O tempo dedicado a esse tema é insignificante, comparado àquele que se gasta com "problemas" como a ortografia, a acentuação, a assimilação de regras gramaticais de concordância e regência, e tantos outros, que deveriam dar aos alunos um verniz de "usuário culto da língua". Esse descompasso é problemático quando se pensa na importância que as questões da

significação têm, desde sempre, para a vida de todos os dias, e no peso que lhe atribuem hoje, com razão, em alguns instrumentos de avaliação importantes, tais como a Prova Brasil, o Exame Nacional do Ensino Médio, os vestibulares que exigem interpretação de textos e o Exame Nacional de Cursos. (...) Ao contrário do que acontece com a "gramática", simplesmente não existe em nosso ensino a tradição de tratar do sentido através de exercícios específicos, e isso leva o professor a acreditar que, nessa área, não há nada de interessante a fazer. (Ilari, 2001, p. 12)

De acordo com Ilari, o ensino de Semântica tem sido uma das grandes preocupações para os linguistas, pois a falta de perspectiva em relação ao estudo da significação do léxico tem prejudicado a compreensão de textos por parte do educandos.

Assim sendo, o estudo da língua é direcionado apenas para os aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos, ou seja, a língua é trabalhada numa perspectiva classificatória e não reflexiva, inclusive quando se aborda os fenômenos semânticos, os quais - como vimos em pesquisa feita por Neves - são postos à margem pelos professores de língua portuguesa.

### **2.3. Prática Pedagógica e Formação**

Como vimos acima, não é prática comum dos professores de língua portuguesa, realizar um trabalho voltada à significação do léxico no que concerne, principalmente à interpretação de textos. Estes, quando abordados, servem apenas como reprodução dos conteúdos e tratam a palavra de forma descontextualizada, distante do aluno, de seu mundo e de sua prática social, conforme observado no livro didático da 8ª série *Tudo é Linguagem*.

No entanto, isso ocorre porque muitos professores de língua materna buscam embasamento teórico apenas nos LDs e nas Gramáticas Tradicionais (GTs). Ou seja, o que percebemos nas aulas de língua portuguesa é uma grande lacuna entre os conceitos linguísticos estudados no curso de Letras e à prática pedagógica em sala de aula.

Essa realidade faz com que as aulas continuem voltadas para o ensino tradicional, mas com um diferencial: o texto – como pretexto – para se estudar a gramática normativa.

Ribeiro (2001) faz uma reflexão a respeito do ensino da gramática na escola, baseando-se no próprio processo histórico que o institucionalizou. As razões que são aventadas para ensinar gramática na escola, para a autora, dizem respeito ao fato de que ela propicia ao aluno condições de usar adequadamente a língua materna. Os alunos, por sua vez, esperam que as aulas de gramática lhes deem condições de usar a língua materna em todas as situações de interação comunicativa com segurança lingüística para não se sentir discriminado por uma variante lingüística.

Entretanto, esse “ideal” está longe de ser concretizado, visto o ensino de língua no nível fundamental enfatizar mais questões terminológicas da língua do que propriamente o seu uso. Essas questões poderiam ter lugar no nível superior visto que, do ponto de vista da autora, estar-se-ia lidando com estudiosos da estrutura da língua. Cabe ressaltar que a realidade nos mostra que as situações de ensino superior, por falta de criticidade, tem a tendência de transpor a teoria para a sala de aula. Além disso, observa-se, nas aulas de gramática, segundo Ribeiro (2001), um desconhecimento por parte dos professores das variações lingüísticas e da língua oral.

A autora concluiu também, que a Lingüística ainda não tem produzido um efeito rápido e eficaz na formação do professor de modo que operacionalize na prática tais conceitos. As razões apontadas por Ribeiro (op. cit., p. 154-5) sugerem que os cursos de Letras não dispõem de currículos que dão ênfase aos estudos lingüísticos; os programas não contemplam as disciplinas que envolvem a produção textual e a leitura e, portanto, a tendência do professor recém-formado é repetir a metalinguagem da gramática que teve contato durante a sua formação na graduação. Não se está dizendo, nas palavras de Ribeiro (p.155), que o professor não deva conhecer a estrutura, o uso e o funcionamento de uma língua nos seus mais diversos níveis: fonológico, morfológico, semântico, sintático ou pragmático, mas deve assimilar essas questões de cunho teórico de maneira crítica. Para os alunos, tais reflexões devem resultar em atividades práticas, envolvendo as mais diversas situações de interação comunicativa.

Em estudo piloto, Freudemberger, et al. (2000) observaram que a maioria dos professores entrevistados concebe a gramática como um conjunto de regras que regem a



LP e com pressupostos não muito claros de gramática como um construto teórico. Pelo 'discurso' dos professores, com relação a alguns conceitos lingüísticos, também percebe-se não haver clareza quanto à relação existente entre texto e gramática, da mesma forma que não mostram estabelecer uma articulação na prática.

A conclusão do estudo piloto revelou que os professores demonstraram ter um conhecimento teórico a respeito das recentes concepções concernentes ao ensino de língua materna.

Todos reconhecem a importância do texto como unidade de ensino/aprendizagem. Suas práticas metodológicas, no entanto, evidenciam divergência entre os conhecimentos lingüísticos 'adquiridos' durante a formação acadêmica e a realidade da sala de aula. Há uma discrepância entre como esses profissionais acreditam que deva ser o ensino e o modo como eles agem (FREUDENBERGER, et al. 2000, p. 22).

Assim, podemos afirmar que os estudos lingüísticos apresentados nos cursos de Letras, ainda não exercem influência significativa para uma prática pedagógica lingüística reflexiva e, portanto, o estudo de conceitos semânticos, tais como sinônimos e antônimos ficam em segundo plano nas aulas de língua materna e, quando abordados, vêm de forma descontextualizada, por meio de atividades que não desenvolvem a capacidade cognitiva do aluno, tampouco a interação social.

Isso posto, passaremos à análise dos pares sinonímicos/antonímicos, os quais foram escolhidos pelo fato de essas palavras serem comumente usadas pelos falantes de português.

### **III. Análise dos dados**

#### **3.1. Um ensino descontextualizado**

Conforme exposto no item 3.2 acerca da observação sobre os conceitos de sinonímia/antonímia abordados pelo LD de 8ª série, pudemos perceber como a Semântica é abordada de forma descontextualizada nas aulas de Língua Portuguesa.

A partir dessa observação, buscou-se um novo respaldo teórico em duas Gramáticas da Língua Portuguesa no que concerne ao trabalho com a significação do léxico e obteve-se o seguinte resultado a respeito das definições de sinonímia/antonímia:

- a) **Palavras sinônimas:** são aquelas que apresentam uma semelhança geral de sentido, como: **feliz e ditoso, achar e encontrar, perto e próximo, longe e distante;**
- b) **Palavras Antônimas:** são aquelas que têm significação contrária, como: **feliz e infeliz, bonito e feio, amor e ódio, longe e perto.** (Celso Cunha, 1995, p. 96)

As definições acima são absolutamente tradicionais, visto que abordam os pares isoladamente, não produzindo nenhum efeito de sentido sobre o qual o educando possa refletir.

Já na gramática de Pasquale e Ulisses (2003, p. 547), uma tirinha é usada como pretexto para se abordar os mesmos conceitos trazidos pela Gramática de Cunha.

O texto que abre a unidade diz: *Pessoas que não têm nada pra fazer fazem muito com nada*, como podemos observar abaixo:



Na sequência, a Gramática apresenta as seguintes definições:

- a) *Nesse contexto, muito e nada são antônimos.*
- b) *Palavras de significados opostos como ausência e presença ou sim e não são chamadas antônimas.*
- c) *Palavras de significados próximos são chamadas sinônimas como agradável, ameno, gostoso, saboroso.*

Neste viés, a abordagem é menos incisiva porque traz o texto e também porque aborda os termos *muito* e *nada* relacionados ao contexto de produção. Contudo, a

Gramática continua reproduzindo a prática do LD porque traz definições prontas, sem permitir que o aluno investigue e interaja com a própria língua por meio de observações e análises. Além disso, a GT aborda apenas um texto, sem dar nenhuma ênfase ao gênero, à linguagem coloquial e apresenta outros pares seguindo a perspectiva da descontextualização.

### 3.2. Estudo dos pares sinonímicos/antonímicos: uma nova abordagem para o ensino de língua materna

Passemos a análise dos pares *local* e *lugar*, *manso* e *feroz*, de modo a confrontar os conceitos expostos acima.

De acordo com o minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa temos:

**Local:** 1. **Substantivo masculino:** área, cidade, edifício, etc que constitui um ponto de referência, o centro de um acontecimento, ou o que é usado para servir a um propósito. a) *Encontram-se sempre no mesmo local.* b) *Local de nascimento.* 2. **Substantivo feminino:** notícia sobre determinada localidade, publicada por jornal da mesma área. Exemplo: *Rastros são deixados por bandidos no local do crime.* 3. **Adjetivo:** relativo a certo lugar ou ao lugar em que se vive. Exemplo: a) *Representantes de todos os segmentos da comunidade local.* b) *Flora local.* c) *Jornal local.*

**Lugar:** 1. **Substantivo masculino:** parte de um espaço (país, cidade, região). *Viajou por diversos lugares do mundo.* 2. Parte do espaço a ser ocupada por algo ou alguém. *Dois corpos não podem ocupar o mesmo lugar no espaço.* Posição relativa numa série, colocação ou escala. *Ficou em 11º lugar.* 3. Assento. *Reservar um lugar no restaurante.* 4. Cargo, momento oportuno, hora, ocasião. a) *Queria conseguir o lugar do professor.* b) *Não tinha mais lugar para conversarem.* (2004, p. 461, 465)

Por meio dessas definições trazidas pelo minidicionário, podemos notar que a substituição de *local* por *lugar* não ocorrerá em todos os contextos.

Quando ambas as palavras são classificadas como *substantivo masculino*, percebemos que a substituição é possível. Por exemplo, podemos dizer *encontram-se no mesmo local* ou *encontram-se no mesmo lugar*; *local/lugar de nascimento*; *local/lugar do crime*. No entanto, *local*, de acordo com o dicionário, pode ser também um *adjetivo* e o mesmo não ocorre com *lugar*, portanto, as substituições, nesse caso, são agramaticais, uma vez que não dizemos *comunidade lugar*, *flora lugar* e tampouco *jornal lugar*.

Numa outra definição, *lugar* é tratado, pelo dicionário, como *substantivo feminino*, e, nesse caso, também notamos irregularidades nas substituições, uma vez que não dizemos *ficou em 11º local* e nem *queria conseguir o local do professor*. Já em *viajou por diversos lugares, dois corpos não ocupam o mesmo lugar no espaço e não tinha mais lugar para conversarem*, as paráfrases são permitidas do ponto de vista linguístico, mas, o uso de *local* nessas sentenças, não é tão recorrente na língua quanto o uso de *lugar*, conforme os exemplos apresentados pelo minidicionário.

Assim, por meio dessa análise, podemos afirmar que *local* e *lugar* são sinônimos quando, ambos são apresentados como *substantivo masculino*. O mesmo não ocorre quando *local* funciona como um *adjetivo*, pois, como vimos, as substituições são incoerentes. E, quando *lugar* apresenta potencial funcional de *substantivo feminino*, também não ocorre a sinonímia, visto que as paráfrases não se dão em todos os contextos. Logo, *lugar* e *local* não podem ser considerados sinônimos perfeitos, uma vez que não apresentam sentidos equivalentes em todos os contextos.

Desse modo, podemos dizer que as definições sobre sinonímia, apresentadas pelo LD e pelas gramáticas, estão corretas, visto que estes abordam os sinônimos como palavras de sentido semelhante, próximo, equivalente. No entanto, o questionamento é em relação à abordagem feita por ambos, a qual só contribui para o conformismo do aluno em relação à aprendizagem, levando-o a ter uma visão de mundo muito estreita.

Observemos agora, o par antonímico *manso/feroz*:

**Manso: Adjetivo:** 1. De gênio bom; dócil, pacato. *O cachorro é manso*. 2. Sereno, silencioso. *O riacho está manso*.

**Feroz: Adjetivo:** que tem instinto de fera; selvagem. *O cachorro é feroz*. 2. Que mostra força, violência. *Ventania feroz*. (Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa, p. 339, 478).

Os pares *manso/feroz* são adjetivos, isto é, têm o mesmo potencial funcional. Entretanto, enquanto os sinônimos devem ter o mesmo valor linguístico nos contextos de aplicação, com os antônimos deve ocorrer o contrário. No primeiro exemplo, podemos afirmar que a antonímia ocorre, pois podemos substituir *manso* por *feroz*, de modo a contemplar o sentido oposto entre ambos os signos. Contudo, não podemos dizer que o

*riacho está feroz*. Nesse contexto, o que caberia, seria o lexema *barulhento*; portanto, nesse caso, *manso/feroz* não são antônimos.

O mesmo ocorre com *ventania feroz*, cuja frase nominal não pode ser substituída por *ventania mansa*, mas sim, por *ventania fraca*. Logo, nesse contexto, também não ocorre a antonímia, fato que nos leva a afirmar que as definições acerca desse fenômeno linguístico, apresentadas pelo LD e pelas GTs não contemplam de maneira satisfatória o processo de ensino-aprendizagem no que concerne à Semântica, posto que, por meio dessa análise, notamos que não existem sinônimos/antônimos perfeitos na língua.

Dessa maneira, cabe ao professor de língua materna, buscar outros respaldos teóricos acerca dos fenômenos semânticos aqui mencionados, para melhorar a aprendizagem dos alunos em relação ao estudo do léxico.

Passemos agora aos estudos linguísticos reflexivos que discorrem sobre o fenômeno da sinonímia/antonímia.

### **3.3. Reflexão acerca das alterações semânticas: um outro material de pesquisa para o professor**

Neste item nos afastaremos das definições abordadas pelo LD e pelas GTs. Procuraremos aqui, vincular a questão da sino-antonímia com base na descrição das relações de sentido produzidas pelas palavras em construções gramaticais, propondo aos professores de Língua Portuguesa, um embasamento teórico reflexivo para as aulas de língua materna.

De acordo com Mattoso Câmara (1977), a sinonímia é a propriedade de dois ou mais termos poderem ser empregados um pelo outro sem prejuízo do que se pretende comunicar e, a antonímia é a propriedade de duas palavras terem significações opostas, tornando-se antônimas.

Lyons (1979, p. 476), por sua vez, ao expor seu modelo sobre as relações de sinonímia, afirma que “há poucos sinônimos perfeitos nas línguas naturais, se é que os há de fato”, ou seja, só se podem considerar como sinônimas, as palavras que se podem

substituir em qualquer contexto sem a mais leve mudança ou no sentido cognitivo ou no afetivo.

A questão da sinonímia e da antonímia, também é tratada de maneira bastante singular por Lopes:

A inexistência de sinônimos perfeitos dentro da mesma língua (e também entre línguas diferentes), é uma conseqüência derivada do caráter estrutural dos signos: o sentido dos elementos lingüísticos é um sentido relacional (...) as línguas naturais não possuem tão pouco antônimos perfeitos (...) As gramáticas costumam apresentar extensas listas de palavras como *big e little, high e low*, às quais chama de antônimos porque, segundo afirmam, possuem sentidos opostos. Mas o que quer dizer possuir sentidos opostos? Significa oposto por contrariedade ou oposto por contraditoriedade? (...) Considerando a inexistência de sinônimos ou antônimos perfeitos, trata-se, em ambos os casos, de uma transformação do sentido original da frase-corpus, objeto das manipulações sino-antonímicas. Em qualquer dos casos, o fenômeno da sino-antonímia empenha, como se vê, relações lógicas, ou seja, relações estruturais. Isto significa que a sino-antonímia não é, contrariamente ao que se crê, uma propriedade das palavras em si, mas é, isto sim, uma propriedade estrutural do código, ou melhor, das relações que instauram as estruturas. (1976, p. 255-256).

Ilari e Geraldi (2002), também dão a sua contribuição na produção de um referencial teórico mais reflexivo acerca dos fenômenos semânticos, afirmando que duas palavras só podem ser sinônimas se puderem ser substituídas no contexto de qualquer frase sem nenhuma alteração de sentido. Já, em relação aos antônimos, os autores afirmam que, raramente, duas expressões opostas serão utilizadas para estabelecer relações contrárias. Tomemos a sentença abaixo como exemplo:

Rocky foi um cachorro manso, mas foi muito feroz. (Ilari&Geraldi, p. 54)

Neste sintagma, observamos que os pares *manso/feroz* não estabelecem relações contrárias, pois o signo *feroz* está substituindo os termos *forte/corajoso*, estabelecendo assim, uma estrutura semântica específica, na qual um signo constrói uma relação de valor sintagmático com outro de mesma natureza.

Ou seja, por meio dos estudos de Mattoso Câmara, Lyons, Lopes, Ilari e Geraldi, podemos afirmar que não existem sinônimos/antônimos perfeitos na língua e, podemos ainda, concluir, que as definições apresentadas pelo LD e pelas duas GTs aqui mencionadas, trazem erros quanto a abordagem da aprendizagem do léxico, posto que as substituições entre os pares sino/antonímicos não são possíveis em todos os contextos, de modo a manter o significado dos lexemas inalterados, no caso da sinonímia e, também não apresentam relação de oposição em todas as sentenças, no caso da antonímia.

Portanto, as teorias acima expostas estão de acordo com as comparações e conclusões que fizemos acerca dos pares *local/lugar*, *manso/feroz*, as quais poderiam ser utilizadas em sala de aula pelos professores de Língua Portuguesa.

### **3.4. Da Formação do Professor à Prática de Sala de Aula**

Desde o princípio deste artigo, objetivou-se contribuir para melhorar a prática de sala de aula dos professores em relação ao processo de ensino-aprendizagem do léxico e, para tanto, analisamos pares sino-antonímicos de modo a questionar a abordagem acerca deste assunto pelo LD e pelas GTs, dos quais partiu a nossa inquietação.

O que observou-se por meio desse trabalho foi que nem o LD e nem as GTs contemplam de maneira satisfatória o estudo sobre os fenômenos semânticos aqui mencionados. Percebemos isso, por meio da análise dos pares sino-antonímicos, bem como, por meio de análises linguística reflexiva embasadas em autores diversos.

Notamos, nas salas de aula de língua materna, a imensa dificuldade que os educandos têm em relação à interpretação de texto e, vimos que isso ocorre devido à marginalização da Semântica, pois tanto o LD quanto as GTs reservam a esta um pequeno espaço, o qual traz apenas conceitos e pares de palavras descontextualizados, dificultando assim, a aprendizagem dos alunos.

Ora, na sala de aula, os professores se baseiam pelo LD e pelas GTs, mas na graduação, fazemos exatamente o contrário: questionamos o LD e as GTs e realizamos pesquisas diversas, embasadas em reflexões linguísticas. Portanto, cabe a pergunta: por que nos baseamos apenas pelo LD e pela GT, sendo que não o fizemos na graduação?

A resposta é simples: porque há lacunas na formação dos professores, uma vez que estes têm dificuldade em operacionalizar conceitos teóricos e acabam trazendo para a sala de aula fragmentos de sua formação teórico-lingüística e a predominância no ensino, acaba sendo a gramática tradicional/normativa, ou seja, o professor parece repetir a maneira como ele estudou e aprendeu a língua portuguesa.

Outro conflito parece estar no descontentamento do próprio trabalho e ao combinar estes dois conflitos presentes na maioria das salas de aula brasileiras, pode-se inferir que a formação dos professores é consistente apenas na crítica feita ao ensino tradicional de língua portuguesa e de gramática, faltando-lhe um trabalho mais detalhado e até mesmo explícito, para a construção de alternativas metodológicas que pudessem embasar o ensino desses professores.

No entanto, os educadores não podem permitir que essa lacuna na formação e a desmotivação prejudiquem o processo de ensino-aprendizagem de nossos educandos, posto que, os professores firmaram um compromisso com a sociedade quando concluíram a graduação.

Está mais do que provado que o ensino de gramática normativa não contribui na formação de cidadãos, logo, cabe ao professor, tornar-se um pesquisador na preparação de suas aulas, buscando outros embasamentos teóricos acerca do assunto que está ensinando. Vale ressaltar também, que o professor deve procurar atualização profissional constantemente, para se inteirar sobre novas práticas, metodologias e teorias, melhorando assim, a sua atuação profissional e cumprindo com o seu compromisso social.

Em suma, não podemos pensar o fenômeno da sino-antonímia como pares de palavras fora do contexto, pois a língua é um processo dinâmico, no qual a escolha dos signos pelo falante/autor em dada situação enunciativa está repleta de carga ideológica, de pressupostos e subentendidos, os quais não são estudados no processo de ensino-aprendizagem, dificultando a compreensão dos textos por parte dos educandos.

As aulas de língua materna, especialmente às voltadas ao estudo do léxico, estão embasadas apenas no LD e nas GTs, as quais abordam apenas nomenclatura e pares de palavras descontextualizados. Portanto, cabe ao professor buscar outros embasamentos teóricos para as suas aulas, bem como atualização profissional constante, de modo a contribuir com a formação de cidadãos críticos que saibam usar a palavra de maneira adequada nos mais diversos contextos de uso.



#### IV. Referências bibliográficas

CÂMARA, Mattoso. Dicionário de Linguística. 2ª edição. São Paulo: Cultrix, 1977.

FREUDENBERGER, F.; SIPPERT, L.; ROTTAVA, L.; DRESCH, M.; SANTOS, S. A cultura de ensinar gramática. *Espaços da escola*. Ed. da Unijuí, n. 38:13-22, 2000.

GERALDI, João W. (org). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 1997.

ILARI, Rodolfo e GERALDI, João Wanderley. *Semântica*. 10ª edição. São Paulo: Ed. Ática, 2002.

LOPES, Edward. *Fundamentos da lingüística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1976.

LYONS, John. *Introdução à lingüística teórica*. São Paulo: Cia. Editora Nacional/Edusp, 1979.

NEVES, Maria Helena M. *Gramática na escola*. São Paulo: Contexto, 1999.

*PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS*: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

RIBEIRO, O. M. *Ensinar ou não gramática na escola – eis a questão*. *Linguagem & Ensino*, v. 4, n.1, p. 141-157, 2001.